

A alegoria em *Teogonia*, de Hesíodo

The allegory in Theogony, by Hesiod

Antonia Pereira de Souza
UFPB

Resumo: Neste artigo pretende-se analisar algumas alegorias utilizadas em *Teogonia*, de Hesíodo, principalmente, em referência à arte de compor poesias, ao corpo humano, à natureza, e às faculdades humanas. O referencial teórico são as ideias de João Adolfo Hansen (2006), Flávio R. Kothe (1996) e Jean-Pierre Vernant (1999, 2012). Constatou-se que, apesar de *Teogonia* ser uma poesia do século VIII. a. C., ainda contribui para o aprendizado do homem do século XXI, através de lições vida demonstradas pelas personagens, envoltas em alegorias.

Palavras – Chave: Teogonia. Alegoria. Ensinaamentos.

Abstract: *In this article we intend to analyze some allegories used in Theogony, by Hesiod, particularly in reference to the art of composing poetry, the human body, nature, and human faculties. The theoretical framework are the ideas of João Adolfo Hansen (2006), Flavio R. Kothe (1996) and Jean-Pierre Vernant (1999, 2012). It was found that although Theogony be a poetry of the VIII century after Christ, also contributes to the man of learning of the XXI century, through life lessons demonstrated by the characters, wrapped in allegory.*

Keywords: Theogony. Allegory. Teachings.

Introdução

A obra *Teogonia* é uma poesia de Hesíodo, produzida no século VIII a. C. O autor teria sido “inspirado pelas deusas-musas, guiado pela deusa Memória, e servindo-se de técnicas de composição oral que durante séculos foram transmitidas de geração a geração” (TORRANO, 2006 p. 46).

Ainda, conforme o pesquisador, quem a nomeou foram os mestres-escolas da Grécia clássica e significa “nascimento de deus” ou “dos deuses”. A obra conta o surgimento do mundo “a partir dos primeiros deuses, dos amores e das lutas entre os deuses” (TORRANO, 2006, p. 46).

A *Teogonia* era utilizada para fins didáticos, com o objetivo de ensinar a refletir, compreender o mundo, respeitar e cultuar os deuses, através de histórias alegóricas. Além disso, a

obra funcionava como uma das cartilhas¹ que os professores gregos utilizavam para ensinar a ler e escrever, desta forma: “eles faziam leves marcas de letras em uma tabuinha de cera mole e mandavam a criança reforçar as marcas, tornando as letras bem visíveis, e depois explicavam o sentido dos versos assim escritos” (TORRANO, 2006, p. 46).

Sobre a vida de Hesíodo, sabe-se apenas o que ele deixou transparecer em suas obras *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias*. Era um pastor grego que virou poeta. Viveu em Ascra, na Beócia e, apesar de não gostar do lugar em vista do calor e do frio exagerados que assolavam a região, ausentou-se de lá apenas uma vez, quando foi para Eubeia, a fim de participar de uma competição poética, na qual foi vitorioso. Após a morte do pai de Hesíodo, Perses, irmão do poeta, ficou com os bens da família.

Neste artigo pretende-se analisar algumas alegorias utilizadas em *Teogonia*, de Hesíodo, principalmente, no que se refere à arte de compor poesias, ao corpo humano, à natureza e às faculdades humanas. O referencial teórico são as ideias de João Adolfo Hansen (2006), Flávio R. Kothe (1996) e Jean-Pierre Vernant (1999, 2012). A fim de alcançar o objetivo, foi necessária uma breve revisão sobre alegoria e o retorno a essa teoria na análise, sempre que necessário.

Considerações Sobre Alegoria

Alegoria, de acordo com Kothe (1996, p.7), “significa, literalmente, ‘dizer o outro’”. O teórico ainda menciona que o recurso alegórico deixa marcas no texto que direcionam o leitor para a interpretação desejada pelo autor: “[...] a alegoria aponta o próprio cerne da obra de arte e de sua interpretação” (p. 7), consoante acontece em *Teogonia*, uma vez que por trás da mitologia percebem-se as orientações sobre a vida.

Hansen (2006) também considera que a alegoria diz uma coisa para significar outra, isto é, “diz *b* para significar *a*” (p.7). Esse recurso era muito utilizado na antiguidade para ornar os discursos: “[...] a alegoria é procedimento intencional do autor do discurso [...] a interpretação também está prevista por regras que estabelecem sua maior ou menor clareza, de acordo com o gênero e a circunstância do discurso” (p. 9). Ou seja, o teórico também concorda que, apesar de o recurso alegórico estar sozinho no texto, há indícios que aguçam a imaginação do leitor, a fim de desvendá-lo.

¹ As outras cartilhas eram os poemas de Homero, segundo Torrano (2006).

A alegoria apresenta três categorias, conforme Hansen (2006): *tota allegoria* ou alegoria perfeita ou enigma, *permixta apertis allegoria* ou alegoria imperfeita e *Mala affectatio* ou *inconsequentia rerum* ou incoerência. A alegoria perfeita ou enigma é “totalmente fechada sobre si mesma, não se encontrando nela nenhuma marca lexical do sentido próprio representado” (p. 54). Na incoerência é “criticável a mescla de metáforas que, por pertencerem a campos semânticos disparatados, não se ordenam num único feixe de significações” (p.67).

Quanto à alegoria imperfeita, mistura os sentidos próprio e figurado “a serviço da clareza”, por isso é mais didática e recomendável pela retórica antiga. Imperfeita aqui se refere “ao grau de abertura da significação, quando comparada com o enigma ou *tota allegoria*”. Na alegoria imperfeita “pelo menos uma parte do enunciado encontra-se lexicalmente no nível do sentido próprio [...]” (p. 66). Este é o tipo de alegoria predominante em *Teogonia*.

Inspiração Poética

Na tentativa de justificar o ato de compor poesias ou de selecionar as histórias que já existiam para cantá-las, os poetas do período arcaico da literatura grega, como Hesíodo, invocavam as Musas. Estas eram alegorias para representar a inspiração dos autores, o trabalho que eles tinham para produzir suas obras ou selecionar e organizar as que já foram inventadas e cantadas por outros poetas.

É importante ressaltar que o homem desse período não tinha consciência de que criaram esses textos, mas sim que eram algo forjado pela própria linguagem, consoante afirma Jean-Pierre Vernant (1999, p. 91): “Ele [o homem] tem a impressão que é o próprio mundo que fala essa língua, ou mais precisamente, que a própria realidade é no fundo, linguagem”. Isso demonstra que o processo de criação poética era cercado de mistérios ou situações incompreendidas até mesmo pelos próprios autores dessa tipologia textual, que também não precisavam os motivos que levavam umas pessoas a escreverem ou cantarem suas obras e outras pessoas não.

A alegoria utilizada por Hesíodo, em *Teogonia*, a respeito do ato de escrever, compor poesia, é perfeita em vista de mesclar o sentido figurado, representado pelas Musas e o ato de ensinarem as histórias aos poetas; e o sentido concreto expresso pelo texto da poesia ou do hino que o poeta se tornou capaz de criar semelhante à verdade, tendo a liberdade de falar sobre o presente, o futuro e o passado, conforme se percebe nestes versos do próêmio da obra em estudo:

Elas um dia a Hesíodo ensinaram o belo canto
quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino.
Esta palavra primeiro disseram-me as Deusas
Musas olímpides, virgens de Zeus porta-égide:
“Pastores agrestes, vis infâmias e ventre só,
sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos
e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”.
Assim falaram as virgens do grande Zeus verídicas,
por cetro deram-me um ramo, a um loureiro viçoso
colhendo-o admirável, e inspiraram-me um canto
divino para que eu glorie o futuro e o passado,
impeliram-me a hinear o ser dos venturosos sempre vivos
e a elas primeiro e por último sempre cantar.
(HESÍODO, 2012, p. 103, v. 26-34).

Nesse trecho da obra, nota-se que o homem ser capaz de expressar-se através da poesia causa um fascínio, a ponto de o poeta ser considerado um escolhido dos deuses para ser o porta-voz das ideias destes, no caso, representados pelas Musas, que além de “soprarem” as poesias para Hesíodo, proporcionaram-lhe também as condições (simbolizadas pelo “ramo de loureiro”) para que o poeta as externasse.

Observa-se, no poema de Hesíodo, que o poeta deve ser um homem reconhecedor de seus limites, além de modesto, em vista de ter consciência de que precisa das Musas, isto é, de um fato desencadeador para a criação poética, e sempre necessita recorrer a esses, a fim de continuar sua arte, por isso as Musas são invocadas no início e no final de *Teogonia*. No início, para que o auxiliem na escrita desse poema; e no final, para que inspirem o próximo que seria sobre as mulheres: “Cantai agora a grei das mulheres, vós de doce voz / Musas olímpides virgens de Zeus porta-égide” (HESÍODO, 2012, p. 157, v. 1021-1022).

Do texto em estudo, depreendem-se orientações também sobre como organizar as ideias inspiradas, em forma de poema. Esses passos encontram-se no proêmio, parte em que o poeta apresenta algumas personagens, bem como os principais acontecimentos que as envolveriam na história. Essa atitude sugere que, para se escrever bem, é necessário, além de boa concatenação de ideias, aproximar o leitor da história, antecipando-lhe alguns fatos, a fim de aguçar-lhe a curiosidade pela obra, como acontece neste verso que, além de informar que Atena é filha de Zeus, apresenta o poderoso escudo que protegia esse Deus: “Atena de olhos glaucos virgem de Zeus porta-égide” (HESÍODO, 2012, p. 103, v. 13). Para ser poeta, então, seria necessário ter inspiração e uma forma atraente de apresentar a obra ao público.

Mistérios do Corpo Humano

Nesse período da literatura grega, o mito era uma forma obscura de ensinar, por isso necessitava de uma espécie de tradução da alegoria em que estava envolto, de acordo com Jean-Pierre Vernant (1999): “[...] atribuíram-lhe uma função de verdade, mas uma verdade que não seria formulada diretamente, que teria necessidade, para que a alcançássemos, de ser traduzida numa outra língua cujo texto narrativo seria apenas sua expressão alegórica” (p. 186).

No caso do mito de Prometeu, no qual ele, em vista de ter roubado o fogo sagrado de Zeus para doá-lo aos homens, foi preso numa coluna onde uma águia comia seu fígado durante o dia e o órgão se recompunha durante a noite, essa alegoria sugere que o homem já teria consciência da regeneração de alguns órgãos humanos, pelo menos sobre essa grande capacidade que o fígado tem:

E prendeu com infrágeis peias Prometeu astuciador;
cadeias dolorosas passadas ao meio duma coluna,
e sobre ele incitou uma águia de longas asas,
ela comia o fígado imortal, ele crescia à noite
todo igual o comera de dia a ave de longas asas.
(HESÍODO, 2012, p. 131, v. 521-525).

Além de demonstrar a consciência sobre a regeneração de órgãos humanos, a alegoria do mito de Prometeu transparece o inconformismo do homem diante da opressão, uma vez que, segundo Kothe (1986, p. 67), a alegoria apresenta uma “[...] manifestação e denúncia implícita do reprimido”. O mito ensina que não se deve obedecer cegamente aos representantes do poder, ali simbolizados por Zeus, mas enfrentá-los, se necessário, mesmo que se corram riscos de represálias, uma vez que os benefícios podem ser compensadores para uma coletividade, assim como foi vantajoso para o homem dominar o fogo após a coragem e a audácia de Prometeu.

Como, de acordo com Kothe (1986), a realidade determina a leitura da alegoria e pode modificá-la, os ensinamentos transmitidos através desse mito podem ser considerados e adaptados para a realidade atual: “A significação de todas as alegorias, de todas as linguagens cifradas, encontra-se, entretanto, em algo que não é privilégio de ninguém em particular: a realidade. E esta pode alterar o significado que qualquer grupo possa querer atribuir a alguma alegoria” (p. 20). Isso esclarece porque uma obra tão antiga quanto *Teogonia* ainda pode orientar o homem do século XXI.

A origem da mulher e os problemas supostamente enfrentados pelos homens que não se cassarem também são tratados no mito de Prometeu. A alegoria para o surgimento da mulher é imperfeita, uma vez que o “belo mal”, um ser oriundo da esperteza de Zeus para vingar-se de Prometeu, em vista deste tentar enganá-lo, oferecendo-lhe ossos disfarçados de apetitosa carne, é diretamente associado à mulher: “Dela descende a geração das femininas mulheres” (HESÍODO, 2012, p. 133, v. 590).

Além disso, é criada para o homem a necessidade de convívio com a mulher, acrescida do alerta de que abster-se do casamento consequentemente traria uma velhice deplorável para o homem e, após sua morte, parentes distantes ficariam com suas posses. Entretanto, o mito adverte que nem sempre o casamento é sinal de felicidade, uma vez que a mulher pode também ser a causa de “uma aflição sem fim nas entranhas” (HESÍODO, 2012, p. 135, v. 611). Seria uma forma de advertir que a convivência dos casais nem sempre seria pacífica, mesmo assim era necessária, em vista dos benefícios trazidos pela situação conjugal.

A forma alegórica como o belo mal foi criado sugere a curiosidade do homem pelo corpo feminino, assim como a provável incompreensão das diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres, em vista de ele ter surgido de um jeito muito diferente dos que até então os personagens eram concebidos. A criação do belo mal contou com a participação dos deuses: Hefesto (Pés-tortos), Atena e Palas Atena, com incumbências diversas, a fim de concretizarem os objetivos de Zeus: apresentar um perigo irresistível para deuses e para os homens, todavia com a aparência de uma virgem ingênua, cheia de pudores:

E criou já ao invés do fogo um mal aos homens:
plasmou-o da terra o ínclito Pés-tortos
como virgem pudente, por desígnios do Cronida;
cingiu e adornou-a a Deusa Atena de olhos glaucos
com vestes alvas, compôs um véu laborioso
descendo-lhe da cabeça, prodígio aos olhos,
ao redor coroas de flores novas da relva
sedutoras lhe pôs na frente Palas Atena
e ao redor da cabeça pôs uma coroa de ouro,
(Hesíodo, 2012, p. 133, v. 570-578).

Os deuses e os homens não resistiram ao belo mal, pois o acolheram, originando todos os males que os assolariam a partir de então. Entretanto parece que o “mal” que mais assustou foi a consciência da separação entre homens e mulheres, acrescida da dependência dessas para uma vida feliz ou atormentada, dependendo da companheira escolhida.

A natureza e os deuses

As histórias dos deuses, em *Teogonia*, também ensinam sobre a natureza, porém Vernant (2012) adverte que os deuses não são a alegoria da natureza, mas os possuidores desta: “Não que se trate de uma religião da natureza e que os deuses gregos sejam personificações de forças ou de fenômenos naturais. Eles não são nada disso. O raio, a tempestade, os altos cumes não são Zeus, mas de Zeus” (p. 6).

Outras personagens, além de Zeus, apresentavam poderes em relação à natureza, como Tifeu, que controlava os ventos furiosos; e Afrodite, que possibilitava o surgimento de vegetais por onde passava: “e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva / crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite” (HESÍODO, 2012, p. 113, v. 194-195). Posídon também demonstrava seu poder causando terremotos, ao mesmo tempo em que parecia controlar a atração gravitacional da Terra, pois ele a sustentava. No entanto, esse fenômeno ainda não era explicado na Grécia antiga, uma vez que só ficara mais conhecido após o século XVII.

Os poderes de Posídon sugerem que o homem tentava compreender essa característica da Terra atribuindo-a a esse Deus: “Posídon que sustém e treme a terra” (HESÍODO, 2012, p. 103, v. 15). Enfim, as alegorias tentavam explicar a natureza e seus fenômenos, preenchendo as lacunas que o conhecimento humano ainda não era capaz de justificar.

Contudo, existem em *Teogonia* muitos deuses que parecem ser alegorias que representam aspectos da natureza. A deusa Terra, por exemplo, seria o planeta Terra e os filhos temíveis que ela gerara com Céu e ele os deixava presos no interior da mãe seriam um recurso alegórico para representar o magma. Enquanto que o plano de vingança contra Céu que Terra tinha arquitetado e põe em prática com a ajuda de Crono sugere a possibilidade da liberação do magma.

De acordo com Kothe (1996), a alegoria tira o impacto da mensagem e acomoda o receptor, por apenas confirmar o que ele já sabia, em vista da linguagem convencional que apresenta, entretanto adverte que a necessidade de se entender o outro sentido encaminha o leitor para além do significado inicial:

A natureza convencional da linguagem alegórica consegue, porém, tirar-lhe todo o impacto. Por não provocar pensamentos e por acomodar. Acaba também tirando-lhe eficácia (exceto a de subliminarmente confirmar o já sabido, reforçar estruturas pré-fixadas). Mas a tentativa de entender de modo efetivo o que está sendo dito numa alegoria — oriunda da necessidade de saltar o fosso que existe entre o significado primeiro, aparente, e aquele significado outro, mais verdadeiro, que lhe é subjacente — acaba provocando um esforço

exegético capaz de arrastar a um horizonte que transcende o significado convencional (p. 18).

Em *Teogonia*, o impacto da linguagem é mantido, causando tentativas de se transcender às histórias, associando-as a algo palpável, a fim de serem compreendidas e não caírem no vazio. Os deuses primordiais: Caos, Terra, Tártaro e Eros, por exemplo, são associados à origem do universo e às condições que possibilitam a existência de vida:

Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também
Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,
Dos imortais que tem a cabeça do Olimpo nevado,
E Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,
E Eros: o mais belo entre Deuses imortais,
(HESÍODO, 2012, p. 109, v. 116-120).

Constatou-se que Hansen (2006) discorda desse ponto de vista de Kothe (1996), quando afirma que os gregos pensaram a alegoria na prática poética como uma forma cujo valor imanente não transcenderia: “evidenciavam justamente seu caráter particular de prática e, assim, o valor imanente, não-transcendente, do discurso produzido. Além disso, também a interpretação Greco-romana era exclusivamente linguística, não havendo nenhuma transcendência em suas alegorias” (p.23).

Dessa forma, a literatura grega perderia uma de suas principais funções que era ensinar. Seria ler por ler ou escutar por escutar, sem ir além do poema. Com este ponto de vista Hansen (2006) parece contradizer seu conceito, já citado neste artigo, no qual afirma que a alegoria “diz *b* para significar *a*” (p.7). Parar no *b* mataria a alegoria, afinal é inerente aos textos alegóricos a possibilidade de o leitor atingir o sentido *a*.

Faculdades Humanas Personificadas

Uma vez que a alegoria facilita a expressão, através desta, os gregos também utilizavam os deuses como “personificações de faculdades humanas ou de princípios morais” (HANSEN, 2006, p. 37), a exemplo de Memória, mãe das Musas, e a Musa Alegria que juntamente com suas oito irmãs² serviam “para oblívio dos males e pausa de aflições” (HESÍODO, 2012, p. 105, v. 55).

² As irmãs de Alegria são: “Glória, Festa, Dançarina, / Alegria-coro, Amorosa, Hinária, Celeste / e Belavoz [...]” (Hesíodo, 2012, p. 107, v. 77-79)

Essas personagens seriam indícios de que lembrar-se dos fatos e cultivar a alegria ajudariam o homem a viver melhor. Apesar de a obra de Hesíodo já mencionar os benefícios da alegria, a consciência de que ela faz bem às pessoas demorou a existir, pois, até a Idade Média, sorrir era considerado um comportamento demoníaco. Somente no século XX, o poder da alegria foi reconhecido e valorizado até mesmo como tratamento e prevenção de algumas doenças, conforme informações veiculadas pelo Hospital Albert Einstein.

A cumplicidade entre Terra e Crono transparece a ideia de solidariedade, ao mesmo tempo em que orienta ao homem que necessita de ajuda a se manifestar, porque mesmo se muitas pessoas não colaborarem, como os outros filhos de Terra se recusaram, poderá surgir alguém altruísta e ajudá-lo a resolver as questões que até então o incomodavam por parecerem insolúveis.

A história de Zeus e Astúcia orienta o homem que para bem viver é necessário mesclar inteligência e esperteza, ficando sempre atento aos acontecimentos, a fim de que se defenda melhor das intempéries e dos perigos representados pelos inimigos, ou até dos amigos que possam se rebelar contra ele. Zeus ter engolido Astúcia por orientação de Terra e de Céu Constelado, a fim de que outro deus não fosse rei, transparece que somada à capacidade de observação aguçada, o homem deve também saber ouvir os mais experientes para obter êxito em suas escolhas:

Zeus rei dos Deuses primeiro desposou Astúcia
Mais sábia que os Deuses e os homens mortais.
Mas quando ia parir a Deusa de olhos glaucos Atena,
Ele enganou suas entranhas com ardil,
Com palavras sedutoras, e engoliu-a ventre abaixo,
Por conselhos da Terra e do céu constelado.
Estes lho indicaram para que a honra de rei
Não tivesse em vez de Zeus outro dos Deuses perenes:
Era o destino que ela gerasse filhos prudentes,
(HESÍODO, 2012, p. 149-150, v. 886-894)

Por que Zeus, mesmo sendo um Deus, necessitou da orientação de outras personagens para se defender? Acredita-se que, para que os ensinamentos transmitidos através da alegoria mitológica surtisses mais efeitos entre os homens, os deuses gregos foram criados com uma característica semelhante à humana: a incapacidade de prever completamente o futuro. Dessa forma, a alegoria ficaria mais próxima do homem e os conselhos ali implícitos seriam mais concretos, proporcionando uma compreensão mais rápida. Outra possibilidade é que esse

aspecto da vida de Zeus servisse para mostrar que as pessoas necessitam umas das outras, independente do poder que elas possuam.

Considerações Finais

As histórias do poema *Teogonia* transparecem situações de quando o homem ainda não possuía saberes científicos para justificar a existência de alguns fatos referentes à natureza e a ele mesmo, como: expressar-se através da arte poética, defender-se, conviver com os demais, então esses saberes eram explicados através de alegorias, envolvendo os deuses da mitologia.

Constata-se que essa obra, mesmo sendo da antiguidade, ainda exerce um grande fascínio sobre os leitores, ao identificarem ali ensinamentos que valem até hoje e contados de uma forma tão adornada de alegorias que tornam o leitor, ao mesmo tempo, distante e perto daqueles acontecimentos.

O leitor sente-se distante, caso veja as alegorias apenas como recursos linguísticos. Contudo, no momento em que as transcende, sente-se próximo das histórias, ao deparar-se com preceitos que podem orientá-lo mesmo no século XXI, uma vez que a obra transparece algumas questões das quais se teve consciência apenas nos dois últimos séculos.

Referências

- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra, Unicamp, 2006.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução de JAA Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- Sorrir faz bem à saúde*. Disponível em: <http://www.einstein.br/einstein-saude/bem-estar-e-qualidade-de-vida/Paginas/sorrir-faz-bem-a-saude.aspx>. Acesso em: 08 ag. 2013.
- KOTHE, Flávio R. *A Alegoria*. São Paulo: Ática, 1986.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. 2 ed. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- _____. *Mito e religião na Grécia antiga*. Tradução de Joana Angélica D'avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- TORRANO, JAA. A Teogonia de Hesíodo. *Cult: Revista brasileira de literatura: mito e verdade na tragédia grega*. São Paulo: Bregantini, n° 107, out. 2006.

Antonia Pereira de Souza

Doutoranda em Letras (UFPB) e Mestre em Letras (UFPI).

Enviado em 30 de julho de 2015.

Aceito em 10 de março de 2016.